



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



## COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

### ENTRE A ESTÉTICA DO LENTO E O IMEDIATISMO: AS PRODUÇÕES EM SLOW CINEMA RESISTEM AOS VÍDEOS CURTOS DA CONTEMPORANEIDADE

Thais Cristina Silva Monteiro; [thaiscsmonteiro@gmail.com](mailto:thaiscsmonteiro@gmail.com).<sup>1</sup>

#### RESUMO

O presente artigo analisa aspectos constitutivos da Modernidade, como os impactos na percepção temporal, no consumo de mídia e na valorização do ritmo aceleratório. O trabalho investiga as diferenças entre a estética do *slow cinema*, também conhecida como cinema da lentidão, e as produções audiovisuais curtas difundidas em plataformas digitais como TikTok, Instagram Reels e YouTube Shorts. A partir de uma revisão bibliográfica no campo da Comunicação, discute-se como distintos regimes de temporalidade, aceleração e desaceleração, moldam a experiência estética e a atenção do espectador. Nesse contexto, examina-se de que forma a lógica algorítmica e a economia da atenção favorecem conteúdos rápidos, fragmentados e orientados ao engajamento imediato, interpretando a oposição entre rápido e lento como uma disputa simbólica entre duas formas de vivenciar o tempo na cultura contemporânea. Além disso, observa-se de que maneira a estética da lentidão pode funcionar como resistência cultural à aceleração estrutural das mídias digitais, propondo outras formas de relação entre imagem, tempo e experiência.

#### PALAVRAS-CHAVE

Modernidade; Aceleração social; *Slow cinema*; Cultura Audiovisual; Redes sociais.

#### 1. INTRODUÇÃO

Os aspectos constitutivos da Modernidade e as transformações em suas estruturas temporais têm sido amplamente discutidos em estudos que buscam compreender os fenômenos da sociedade contemporânea. Entre essas abordagens, destaca-se Hartmut Rosa, que em *Aceleração* (2019) analisa como uma das características centrais da era moderna é a intensificação dos processos de aceleração

<sup>1</sup> Jornalista e mestranda em Mídia e Cidadania pela Universidade Federal de Goiás.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



do mundo, da vida social e do fluxo de experiências individuais. Nesse contexto, a “pressa” torna-se elemento estruturante da vida cotidiana, marcada pela eliminação sistemática de pausas e intervalos. Paradoxalmente, apesar da sensação constante de movimento, os indivíduos parecem viver cada vez mais “sem tempo”, inseridos em um cenário no qual o ócio e a contemplação tornam-se raros. Tal realidade contrasta com a expectativa de que o avanço tecnológico proporcionaria maior conforto e tempo livre. Dispositivos e ferramentas foram desenvolvidos justamente para reduzir o tempo dedicado a tarefas cotidianas. Entretanto, mesmo diante desse avanço, observa-se na Modernidade indivíduos cada vez mais submetidos a rotinas intensificadas. Segundo Rosa (2019), existe um modo de experiência vital compartilhado globalmente que caracteriza a própria condição moderna

Há um modo de eperiência vital - experiência de espaço e de tempo, do eu e dos outros, das possibilidades e perigos da vida - compartilhado por homens e mulheres ao redor do mundo hoje. Chamarei esse conjunto de experiências de “Modernidade” . [...] (ROSA, 2019)

Nesse debate, Marshall Berman (2007) compreende a Modernidade como um conjunto de experiências que atravessam fronteiras sociais, culturais e geográficas, inserindo os sujeitos em um processo contínuo de transformação, contradição e instabilidade. Nesse universo, como afirma Karl Marx, “tudo que é sólido se desmancha no ar”. A consolidação dessas estruturas modernas também está associada à organização industrial do trabalho, especialmente ao fordismo desenvolvido por Henry Ford, cuja lógica de fragmentação das tarefas e padronização da produção acelerou os ritmos produtivos e ampliou a eficiência da indústria capitalista. Nesse contexto, Marx (2013) discute o conceito de mais-valia, entendido como o excedente produzido pelo trabalhador e apropriado pelo capitalista.

De acordo com Rosa (2019), a Modernidade é marcada por um “amor ao movimento”, expressão inspirada nas reflexões de Jean Pierre Frédéric Ancillon, que descreve uma sociedade orientada por transformações constantes e pela busca



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



permanente por dinamização. No cenário contemporâneo, esses processos de aceleração manifestam-se também na cultura digital e nas plataformas de circulação de conteúdos audiovisuais. A intensificação dos fluxos comunicacionais, a fragmentação do tempo de atenção e a lógica algorítmica de engajamento reconfiguram profundamente as formas de percepção e experiência estética. Nesse sentido, Byung-Chul Han (2017) identifica uma “crise da narração”, caracterizada pela substituição da continuidade narrativa pela sucessão fragmentada de instantes informacionais.

Diante desse contexto, este estudo busca compreender criticamente os regimes contemporâneos de temporalidade no audiovisual, investigando de que forma diferentes formas de imagem, representadas pelo *slow cinema* e pelas produções audiovisuais de plataformas digitais, expressam e tensionam o paradigma da aceleração cultural. A pesquisa articula três eixos principais: (a) a aceleração tecnológica e cultural da Modernidade; (b) as transformações dos regimes narrativos na cultura audiovisual contemporânea; e (c) o *slow cinema* como proposta estética de desaceleração. Ao integrar esses campos teóricos, o estudo contribui para o debate interdisciplinar nos campos da Comunicação, Cinema e Cultura Digital, dialogando com autores como Byung-Chul Han, Hartmut Rosa, Matthew Flanagan, André Bazin, Lúcia Nagib e Gilles Deleuze.

## 2. METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos do estudo e responder à questão-problema proposta, adotou-se como estratégia metodológica a revisão bibliográfica integrativa, entendida como um procedimento sistemático de levantamento, seleção e análise de produções científicas relevantes para a construção do objeto de estudo. Segundo Gil (2002), a pesquisa bibliográfica baseia-se em material previamente elaborado, como livros e artigos científicos, sendo adequada para investigações de natureza teórica e interpretativa. Nesse sentido, a revisão bibliográfica é utilizada como método central



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



de investigação, contribuindo para a construção do problema de pesquisa, a delimitação das categorias analíticas e a elaboração do referencial teórico. O estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza teórica e abordagem interpretativa. O levantamento bibliográfico concentrou-se em produções acadêmicas nos campos da Comunicação, Filosofia, Sociologia e Estudos Cinematográficos, contemplando discussões sobre aceleração social, cultura digital, regimes temporais da modernidade e a estética da lentidão associada ao *slow cinema*. A seleção das referências seguiu critérios de relevância teórica, pertinência temática e reconhecimento acadêmico, priorizando livros, artigos científicos, teses e dissertações.

De acordo com Cavalcante et al. (2020), estudos de revisão bibliográfica baseiam-se predominantemente em documentos científicos, utilizando fontes secundárias para analisar e sistematizar o conhecimento existente. Lakatos e Marconi (2010) destacam que esse tipo de investigação possibilita identificar conceitos, categorias e lacunas teóricas presentes na literatura. O corpus teórico foi composto por obras de autores como Hartmut Rosa, Byung-Chul Han, André Bazin, Gilles Deleuze, Matthew Flanagan, Lúcia Nagib e Manuel Castells. O material bibliográfico foi analisado por meio de leitura exploratória, analítica e interpretativa, permitindo identificar conceitos centrais, sistematizar argumentos e estabelecer articulações entre diferentes perspectivas teóricas. A análise organizou-se em eixos como aceleração e desaceleração, fragmentação da experiência, informação e narração, velocidade e duração, bem como consumo e experiência estética. A escolha da revisão bibliográfica como método justifica-se pela natureza teórica e interpretativa do objeto de estudo, que envolve a análise das formas de experiência temporal e dos modelos narrativos presentes no audiovisual contemporâneo.

### **3. REORGANIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA IMPACTOS ACELERATÓRIOS EM PRODUÇÕES ARTÍSTICAS NA MODERNIDADE**



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22, 23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



A Modernidade, marcada pela aceleração temporal e pela transformação das estruturas sociais, também exerce influência direta sobre as produções culturais, especialmente no contexto de produtos audiovisual amplamente difundido em plataformas digitais. Conforme argumenta Rosa (2019), a lógica da aceleração não se limita à esfera tecnológica, mas constitui um princípio organizador da vida social contemporânea, redefinindo o cotidiano dos indivíduos e reconfigurando os modos de produção, circulação e recepção das obras culturais. Nesse cenário, o cinema, a televisão e os ambientes digitais configuram-se como espaços privilegiados para compreender de que maneira a Modernidade reorganiza o tempo e o espaço da experiência estética. Essa lógica exemplifica em partes a demanda moderna por rapidez e gratificação imediata investigada por Rosa (2019). Além disso, consolida-se uma estética do imediato que reflete a própria condição moderna: a busca incessante por velocidade e eficiência.

A cultura contemporânea é atravessada por processos estruturais de aceleração que reorganizam as formas de percepção, experiência e produção de sentido. Tais processos manifestam-se tanto na cultura digital e nas plataformas midiáticas quanto na linguagem audiovisual e nos regimes narrativos que configuram a experiência social do tempo. A intensificação da velocidade técnica, informacional e comunicacional não apenas altera os ritmos da vida cotidiana, mas também produz transformações profundas nos modos de narrar, perceber e experienciar o mundo. Nesse contexto, observam-se a fragmentação da experiência, a compressão temporal e a substituição da narrativa linear pela lógica da informação contínua. No processo de contextualização da Modernidade, Harmut Rosa (2019) apresenta uma dualidade entre o pensamento de Johan Wolfgang von Goethe e Friedrich Nietzsche. Enquanto Goethe expressa admiração e fascínio pelas conquistas técnicas e sociais do presente, Nietzsche demonstra preocupação com as dimensões potencialmente destrutivas do que denomina “velociférico”. Isto é, a velocidade mefistofélica do novo mundo, marcada



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



por elementos “diabólicos”, traiçoeiros e perversos. Em diversos escritos, o filósofo alemão busca alertar para os perigos da pressa, da ausência de contemplação e da perda da serenidade na cultura moderna, além de apresentar críticas à escrita apressada e a uma vida sem tranquilidade.

Para Nietzsche, a ausência de contemplação seria capaz de conduzir a humanidade à uma “nova barbárie”, entendida como uma forma de decadência cultural e espiritual resultante da valorização da velocidade, da produtividade e do utilitarismo em detrimento da profundidade e da criação autêntica (NIETZSCHE, 1999). Neste sentido, a verdadeira cultura exigiria tempo, silêncio e densidade, condições que se contrapõem ao comportamento acelerado característico da contemporaneidade. Essa reflexão evidencia que uma vida orientada pela tranquilidade demandaria reformulações nos modos de vida dos indivíduos modernos, incluindo a adesão de práticas como a escrita contemplativa, que não se produzem sob pressão ou sem reflexão, apenas para atender às demandas imediatas do capitalismo.

O autor Byung-Chul Han (2015), em uma análise pertinente da sociedade contemporânea ao afirmar que “em nenhuma outra época os ativos, isto é, os inquietos, valeram tanto” (HAN, 2015). Essa constatação evidencia a atual valorização da hiperatividade e da inquietação, em contraposição à ruptura com a tranquilidade e a simplicidade no presente. De certa forma, é como se, na modernidade, houvesse uma tentativa constante de eliminar os aspectos associados à cultura contemplativa. Em diálogo com as ideias de David Harvey, Rosa (2019) analisa que a cultura da modernidade deve ser compreendida como reação às transformações radicais nas experiências de tempo e espaço, onde as ondas de aceleração decorrem, sobretudo, das inovações técnicas e de sua difusão industrial. No paradoxo da aceleração, Karl Marx compreende o tempo como recurso produtivo escasso, uma vez que ganhos de tempo se convertem em lucros, transformando-o em dinheiro e intensificando os processos de aceleração social (MARX, 2013).



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

POMENTO

APOIO



Ao interpretar Max Weber, Hartmut Rosa (2019) destaca que, na ética capitalista, o desperdício de tempo é visto como falha moral, reforçando um ascetismo temporal baseado na disciplina do tempo. Nesse contexto, a racionalidade instrumental descrita por Weber orienta a ação social para a eficiência e para a redução do intervalo entre meios e fins. Sob essa perspectiva, Byung-Chul Han (2015) critica a valorização do indivíduo pautada exclusivamente pela produtividade, na qual a ação humana passa a ser subordinada à lógica do desempenho e do trabalho. Conforme observa o autor:

A sociedade laboral individualizou-se numa sociedade de desempenho e numa sociedade ativa [...]. Deve-se procurar um outro tipo de resposta à questão que pergunta por que todas as atividades humanas na Pós Modernidade decaem para um nível de trabalho. (HAN, Byung-Chul, 2015, p.42).

Nessa lógica, o ócio passa a ser desvalorizado e o desperdício de tempo é percebido como falha moral. As atividades cotidianas são progressivamente transformadas em trabalho, direcionando a ação humana para fins produtivos e recompensatórios, o que reduz o tempo destinado ao descanso. Nesse contexto, momentos de ociosidade tendem a gerar sentimentos de culpa associados ao baixo desempenho, enquanto a alta performance é continuamente valorizada. Até mesmo o sono, processo essencial à vida, passa a ser reduzido ou instrumentalizado. Essa mentalidade é sintetizada em discursos motivacionais amplamente difundidos, como o slogan: “Estude enquanto eles dormem. Trabalhe enquanto eles se divertem. Lute enquanto eles descansam. Depois viva o que eles sempre sonharam.” (autor desconhecido).

Em contraposição à lógica da atenção fragmentada da modernidade tardia, Byung-Chul Han (2015) discute o conceito de hiperatenção (*hyperattention*), caracterizada pela alternância constante entre atividades e fontes informativas, além da baixa tolerância ao tédio. Segundo o autor, essa forma de atenção dispersa substitui gradualmente a atenção profunda, fundamental para processos culturais e criativos.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



Como resultado, o sujeito contemporâneo tende a perder sua capacidade contemplativa, tornando-se menos tolerante a atividades que exigem concentração prolongada. Esse cenário também impacta as produções artísticas, que passam a representar a experiência da aceleração característica da modernidade. Hartmut Rosa (2019) observa esse fenômeno na música, destacando que gêneros como o pop apresentam ritmos cada vez mais acelerados, enquanto subgêneros extremos, como o *trash*, atingem velocidades tão intensas que podem produzir efeitos paradoxais de relaxamento. De modo semelhante, na música techno, a aceleração contínua das batidas pode gerar uma sensação de suspensão da percepção temporal, evidenciando um paradoxo da modernidade acelerada: o excesso de velocidade pode resultar em sensação de estagnação do tempo.

### 3.1 A EXPANSÃO DAS REDES SOCIAIS E OS IMPACTOS NA PRODUÇÃO DE CONTEÚDOS

Na contemporaneidade, o modelo tradicional de comunicação vertical, característico dos meios massivos, vem sendo progressivamente substituído por uma dinâmica horizontal e reticular, na qual os sujeitos assumem, simultaneamente, os papéis de produtores, mediadores e consumidores de conteúdo. Jenkins (2009, p. 29) descreve esse cenário como “uma mudança no modo como consumimos mídia, uma mudança que afeta nossas relações com os meios e com a cultura de modo mais amplo”. No contexto comunicacional das redes sociais, os indivíduos passam a desempenhar múltiplos papéis no ecossistema midiático. Nesse sentido, a forma como percebemos a temporalidade também é impactada, uma vez que o acesso em rede reduz barreiras geográficas e facilita a comunicação em escala global, permitindo o compartilhamento de conteúdos em tempo real.

As redes sociais deixam de funcionar apenas como espaços de sociabilidade digital e passam a atuar como estruturas centrais da vida contemporânea, reorganizando práticas culturais, relações interpessoais, consumo simbólico e modos



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22, 23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



de percepção da realidade. A difusão de dispositivos móveis, como smartphones com acesso à internet, intensifica esse processo ao possibilitar conectividade permanente e navegação individualizada em diferentes ambientes. Van Dijck, Poell e De Waal (2018, p. 4) afirmam que “as plataformas digitais não são apenas intermediárias neutras, mas estruturas que moldam ativamente práticas sociais, econômicas e culturais”, o que evidencia o caráter normativo dessas arquiteturas.

Antes da ampla difusão tecnológica, o acesso às produções audiovisuais era restrito a espaços específicos, como salas de cinema ou transmissões televisivas. A criação e consolidação de plataformas digitais de compartilhamento de vídeos modificaram significativamente esse modelo de consumo e a forma como esses conteúdos passaram a integrar o cotidiano. A primeira grande plataforma desse tipo surgiu em fevereiro de 2005, com a criação do YouTube. Cerca de duas décadas depois, em 2025, o CEO da plataforma, Neal Mohan, afirmou que o YouTube está “mais integrado do que nunca ao ecossistema de mídia e entretenimento global”, indicando seu reposicionamento como infraestrutura central de distribuição audiovisual. Segundo reportagem da *Exame* (2025), a plataforma alcançou mais de 147 milhões de usuários no Brasil, o equivalente a 67,7% da população.

Após o surgimento do YouTube, outras redes sociais passaram a incorporar funcionalidades voltadas ao compartilhamento de vídeos. O Facebook passou a permitir esse tipo de publicação em maio de 2007. Posteriormente, o Instagram expandiu sua atuação, antes centrada em fotografias, ao incluir vídeos em junho de 2013. No mesmo ano, o Snapchat introduziu a publicação de vídeos curtos. Mais recentemente, o TikTok, lançado em setembro de 2017, consolidou-se como uma plataforma orientada à circulação de vídeos curtos. Os conteúdos publicados nessas redes caracterizam-se pela rapidez de produção, curta duração e alta capacidade de viralização, incluindo vídeos simples que registram rotinas cotidianas, muitas vezes sem edição elaborada. As postagens podem alcançar públicos amplos mesmo sem que



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



o usuário siga o perfil do criador, pois a distribuição ocorre por meio de sistemas algorítmicos que recomendam conteúdos diretamente na página inicial das plataformas.

Segundo o relatório *DataReportal* (2025), o TikTok ultrapassa 1,5 bilhão de usuários ativos mensais no mundo, dos quais 31 milhões estão no Brasil. Embora a plataforma permita vídeos de até dez minutos, estudos divulgados pelo CapCut (2025), aplicativo associado à rede, indicam que a duração média dos conteúdos varia entre 15 e 30 segundos. A pesquisa também sugere que vídeos mais curtos tendem a capturar melhor a atenção do público, aumentando as chances de viralização. Recursos semelhantes foram posteriormente incorporados por outras plataformas, como o Reels, lançado pelo Instagram em agosto de 2020, e o YouTube Shorts, disponibilizado em setembro do mesmo ano. Os geralmente publicados em orientação vertical (9:16) são exibidos em feeds que utilizam o recurso de *scroll*, permitindo que os vídeos sejam rolados continuamente. Essa dinâmica produz a sensação de uma sequência potencialmente infinita de conteúdos. Tais formatos evidenciam a intensificação de uma lógica comunicacional baseada na brevidade, na instantaneidade e na alta rotatividade de informações. Reels, Stories, Shorts e outros vídeos curtos estruturam uma estética marcada pela fragmentação narrativa, pelo consumo acelerado e pela estimulação sensorial contínua.

Nesse cenário, o espectador é constantemente exposto a uma multiplicidade de conteúdos de diferentes naturezas, que vão desde produções humorísticas até discussões científicas, muitas vezes consumidas em intervalos de poucos segundos. A imagem em movimento passa, assim, a atuar como mediadora das experiências sociais e como dispositivo de construção de identidades, legitimação de discursos e produção de sentidos. Constrói-se, a ideia de que o amplo acesso a conteúdos permite ao sujeito manter-se bem informado, entretanto, a velocidade e a fragmentação características



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

PÓMMENTO

APOIO



dessas plataformas frequentemente limitam o tempo disponível para a assimilação das informações e para o aprofundamento em temas mais complexos.

No campo da pesquisa em comunicação, esse fenômeno é frequentemente interpretado como parte de uma cultura da aceleração Davenport e Beck (2001, p. 20) definem esse processo ao afirmar que “a atenção humana é um recurso escasso, e a competição por ela se torna o principal eixo das disputas comunicacionais na sociedade contemporânea”. Nesse contexto, é comum que os usuários naveguem pelos feeds e consumam um grande volume de conteúdos em poucos minutos, por meio da rolagem contínua. Rosa (2019, p. 15) destaca que “a aceleração não é apenas técnica, mas social, cultural e subjetiva, transformando a própria experiência do tempo na modernidade tardia”. No âmbito desta pesquisa, as redes sociais e as plataformas audiovisuais digitais são compreendidas como dispositivos centrais na construção de narrativas contemporâneas, especialmente na circulação de discursos sobre subjetividade e experiências existenciais.

Nesse sentido, a produção massiva de conteúdos audiovisuais curtos, articulada à lógica algorítmica e à economia da atenção, tende a favorecer abordagens simplificadas e emocionalizadas de temas complexos, frequentemente condensados em poucos segundos. Esse processo contribui para a construção de narrativas fragmentadas que priorizam impacto e engajamento em detrimento da profundidade analítica. Paula Sibilia (2016) observa que a complexidade da experiência humana é frequentemente reduzida a narrativas simplificadas e espetacularizadas, ajustadas às lógicas da visibilidade digital. Assim, as redes sociais configuram-se como espaços ambivalentes: ao mesmo tempo em que ampliam a circulação de discursos, também podem favorecer processos de superficialização e banalização simbólica.

Os algoritmos das plataformas priorizam determinados conteúdos em detrimento de outros, reconfigurando os critérios de relevância e legitimidade da informação (DIJCK ET AL., 2018). Nesse contexto, a produção audiovisual nas redes



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



caracteriza-se pela brevidade e pela alta rotatividade de conteúdos, com vídeos projetados para capturar rapidamente a atenção dos usuários em meio ao excesso informacional do ambiente digital. Essa estética do rápido responde à lógica aceleratória da modernidade, na qual o tempo converte-se em capital simbólico e econômico. Paralelamente, as redes sociais também transformam a relação entre produtores e consumidores de conteúdo, dissolvendo fronteiras entre criadores e espectadores e instaurando uma lógica participativa. Embora essa dinâmica amplie o acesso à produção simbólica, ela também intensifica a pressão por visibilidade, performance e produtividade constante.

Nesse cenário, a imagem em movimento torna-se uma das principais mediadoras das experiências sociais, atuando na construção de identidades e na produção de sentidos. Entretanto, como observa Hartmut Rosa (2019), os processos de aceleração tecnológica não ocorrem de forma linear, mas em movimentos descontínuos que geram resistências sociais e tentativas de desaceleração que podem ser compreendidas como formas simbólicas de resistência cultural frente às dinâmicas da modernidade acelerada.

### **3.4 SLOW CINEMA COMO FORMA DE RESISTÊNCIA NA MODERNIDADE**

No contexto contemporâneo, observa-se o amplo consumo de conteúdos audiovisuais de curta duração, frequentemente acessados de forma simultânea a atividades cotidianas, como durante momentos de espera, intervalos ou deslocamentos. As próprias plataformas digitais permitem acelerar ainda mais esses conteúdos por meio de recursos que modificam a velocidade de reprodução dos vídeos. Assim, aquilo que já é breve torna-se ainda mais veloz, reforçando uma estética do imediato característica da cultura acelerada da modernidade. Ser moderno implica estar profundamente marcado por processos de aceleração estrutural que reorganizam a experiência e a produção de sentidos. Esses processos manifestam-se tanto na cultura



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



digital quanto nas narrativas audiovisuais, produzindo fragmentação, compressão temporal e, em muitos casos, a substituição da narrativa pela circulação contínua de informações. A intensificação da velocidade técnica, informacional e comunicacional não apenas altera os ritmos da vida cotidiana, mas também transforma profundamente os modos de narrar, perceber e experienciar o mundo (ROSA, 2019).

Em contraposição a esse regime aceleratório, emergem estéticas e discursos desaceleratórios que propõem outras formas de relação com o tempo, a imagem e a experiência sensível, buscando recuperar a duração e a contemplação. Nesse contexto, o *slow cinema* surge como um movimento estético e, em certa medida, político, que valoriza o tempo estendido, a imersão e a rarefação narrativa. As produções audiovisuais contemporâneas, impactadas pelas transformações do espaço-tempo na modernidade, caracterizam-se frequentemente por ritmos acelerados, cortes abruptos e movimentos de câmera que simulam velocidade. Tais recursos, muitas vezes, são incorporados sem contribuir diretamente para o desenvolvimento narrativo, funcionando sobretudo como estratégias estéticas destinadas a capturar a atenção de um espectador cada vez menos tolerante ao tédio e ao ritmo ordinário da experiência cotidiana.

Ao analisar a cultura da modernidade, David Harvey (1992) argumenta que ela deve ser compreendida como reação às transformações nas experiências de tempo e espaço, processo que se reflete nas formas de produção e recepção audiovisual. Nesse sentido, as plataformas digitais não apenas modificaram o ritmo da vida social, mas também intensificaram a compressão espaço-temporal, moldando tanto os conteúdos produzidos quanto as formas pelas quais a cultura é criada, distribuída e consumida. A transição para o ambiente digital também aprofundou o distanciamento entre informação e experiência, fenômeno sintetizado nas reflexões do cineasta Béla Tarr, ao observar que os novos hábitos de consumo midiático são marcados por uma lógica fragmentada de recepção:



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



As pessoas desta geração conhecem corte-de-informação, corte-de-informação, corte-de-informação. Elas conseguem seguir a lógica disso, a lógica da história, mas não seguem a lógica da vida. (TARR apud FLANAGAN, 2008).

Esse contraste permite sintetizar três dimensões fundamentais da modernidade audiovisual: aceleração e fragmentação com conteúdos rápidos, orientados à gratificação imediata e à circulação contínua de informações; resistência estética por meio de movimentos como o *slow cinema*, que recuperam a contemplação, a duração e o silêncio; transformação cultural através de processos de digitalização e tecnificação que redefinem a relação entre tempo, espaço e experiência estética. Nesse sentido, o *slow cinema* pode ser compreendido como uma forma de resistência estética aos valores dominantes da cultura acelerada. Obras como *Sátántangó* (1994), de Béla Tarr, com sete horas e meia de duração e cerca de 150 planos, são frequentemente consideradas marcos do cinema contemplativo, ao enfatizarem a duração, a espera e a rarefação narrativa. Ainda mais radical é a experiência proposta por *Logistics* (2012), documentário experimental com 857 horas de duração, aproximadamente 35 dias e 17 horas, considerado o filme mais longo da história do cinema.

No contexto das dinâmicas de aceleração analisadas por Rosa (2019), da crítica à tecnolatria proposta por Virilio (1999) e da sociedade do desempenho discutida por Han (2015), o *slow cinema* configura-se, portanto, como um contraponto estético e cultural. Trata-se de um movimento cinematográfico que valoriza a contemplação, a duração e o silêncio, em oposição ao ritmo frenético das produções audiovisuais contemporâneas, especialmente dos vídeos curtos difundidos em plataformas digitais como TikTok, Instagram e YouTube Shorts. Para Deleuze (2005), no cinema moderno o tempo deixa de estar subordinado ao movimento e passa a constituir a própria matéria da imagem, tornando-se fundamento teórico para uma estética da duração. Flanagan (2012) reforça que o cinema lento privilegia planos longos e narrativas rarefeitas como forma de resistência à cultura da velocidade. Em oposição à lógica



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



algorítmica das redes sociais, orientada à retenção da atenção dos usuários por meio de estímulos contínuos, o *slow cinema* conduz à desaceleração perceptiva, à reflexão e à experiência sensorial profunda.

Rosa (2019, p. 257) reforça essa oposição ao afirmar que “a desaceleração não é apenas uma prática estética, mas uma forma de crítica cultural à lógica da aceleração estrutural da sociedade”, constituindo-se, portanto, como tentativa de ruptura com a pressa constante característica do tempo presente. Lúcia Nagib (2016) destaca que a própria ideia de “cinema lento” possui uma dimensão política, pois pressupõe implicitamente a existência de um “cinema rápido”. A autora defende a lentidão como um possível antídoto à mercantilização da velocidade, que afeta inclusive os prazeres mais básicos da vida cotidiana, desde o ato de se alimentar até a contemplação de uma paisagem. Nesse sentido, a valorização da lentidão pode ser interpretada como uma crítica ao consumismo acelerado e como uma reafirmação da necessidade humana de descanso, contemplação e experiência sensível. *slow cinema*, representado por cineastas como Béla Tarr, Tsai Ming-liang, Apichatpong Weerasethakul e Abbas Kiarostami, propõe uma temporalidade distinta, baseada em planos longos, narrativas minimalistas e atenção radical ao cotidiano. A estética do lento desafia, assim, a lógica da aceleração, convidando o espectador a desacelerar e a se reconectar com o tempo da contemplação.

Enquanto os vídeos curtos característicos da cultura digital contemporânea reforçam a lógica da fragmentação narrativa e da hiperestimulação sensorial, o cinema lento reivindica o valor da espera, da duração e da imersão. Essa oposição pode ser interpretada como uma disputa simbólica entre duas formas de vivência do tempo: de um lado, o imediatismo digital marcado pela velocidade, pela gratificação instantânea e pela superficialidade da experiência; de outro, a estética do lento, associada à profundidade, à contemplação e à possibilidade de uma experiência estética transformadora. Essa dualidade permite estabelecer uma crítica estrutural à cultura



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



digital contemporânea pode-se argumentar que a onipresença das redes sociais contribui para o que Walter Benjamin (2012) descreve como uma “atrofia da experiência”, o produto audiovisual das plataformas digitais tende a configurar-se como um objeto de consumo rápido que, ao emular a vida em sua velocidade máxima, reduz a capacidade de estranhamento e reflexão do sujeito.

Em contraste, o *slow cinema* oferece aquilo que as redes sociais tendem a evitar: o tempo improdutivo, a permanência diante da imagem e a possibilidade de aprofundamento em uma única experiência sensível. A comparação entre essas duas formas de produção audiovisual sugere que, enquanto as redes sociais privilegiam a rapidez da imagem, o cinema lento convida o espectador a experimentar o próprio tempo por meio da imagem. Nesse sentido, a resistência não reside na negação da tecnologia, mas na reafirmação da duração como espaço de autonomia do pensamento diante das lógicas dominantes do algoritmo. Observa-se também que a experiência tradicional do cinema tende a deslocar o espectador para um espaço de imersão por meio da sala escura, enquanto o consumo audiovisual nas redes sociais invade os espaços do cotidiano.

A imagem digital torna-se, assim, um “objeto-fluxo”, que não exige necessariamente interpretação, mas reação imediata, podendo ser consumida em qualquer momento e lugar. Pode-se observar o contraste entre a estrutura narrativa de um vídeo viral e uma obra emblemática do *slow cinema*, como *Sátántangó* (1994). Enquanto um vídeo médio em plataformas como TikTok costuma apresentar duração entre 15 e 60 segundos, frequentemente com cerca de 10 a 15 cortes, a sequência inicial de *Sátántangó* sustenta um único plano-sequência de aproximadamente oito minutos, observando apenas o deslocamento de gado em uma fazenda. No que diz respeito à experiência do espectador, nas redes sociais o usuário tende a ser tratado como alvo de estímulos informacionais, com montagens projetadas para evitar qualquer desvio de atenção.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

POMENTO

APOIO



No cinema de Tarr, por outro lado, o tempo dilatado convida o espectador a confrontar o vazio, o tédio e a materialidade da imagem, aproximando a experiência cinematográfica do próprio fluxo da vida. Conforme argumenta Jonathan Crary (2014), em *24/7: Late Capitalism and the Ends of Sleep*, o capitalismo contemporâneo busca eliminar qualquer intervalo ou pausa, uma vez que o tempo sem consumo representa tempo improdutivo para o capital. Nessa lógica, as redes sociais também funcionam como vitrines publicitárias, oferecendo conteúdos patrocinados intercalados às publicações orgânicas e incentivando investimentos financeiros para ampliação de alcance e visibilidade.

Dessa forma, o *slow cinema* não se consolida apenas como um gênero estético, mas como uma forma de resistência cultural e política. Ao recuperar o direito ao tempo improdutivo, esse movimento utiliza a imagem cinematográfica para revelar a densidade da experiência humana. A comparação entre essas produções evidencia um paradoxo: nunca se produziram e consumiram tantas imagens, mas raramente se dedica tempo para observá-las com profundidade ou contemplar aquilo que está sendo apresentado. O resultado é um espectador que desenvolve uma visão periférica aguçada para o novo, mas uma visão profunda cada vez mais atrofiada para o ser. A estética do lento nos obriga a recuar de uma cultura da velocidade e a nos sintonizar fisicamente com um ritmo mais deliberado (FLANANGAM 2008). Essa perspectiva retoma, em certa medida, os princípios do realismo defendidos por André Bazin, para quem o cinema deveria expressar uma “confiança na realidade”.

Nesse contexto, a duração cinematográfica deixa de funcionar apenas como suporte para a transmissão de informações e passa a constituir o próprio acontecimento da imagem. No *slow cinema*, a montagem não desaparece, mas cede protagonismo à duração e aos sons ambientes, produzindo um modo de fruição menos informativo e mais fenomenológico, mais próximo do ritmo ordinário da experiência cotidiana. A resistência estética do cinema lento também se manifesta na valorização



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



do cotidiano e na desdramatização das ações narrativas. Essa proposta de desaceleração é também defendida por Jean-Marie Straub no documentário *Onde jaz o teu sorriso?*, de Pedro Costa. Na obra, Straub afirma: “Você tem uma espécie de redução, só que não é uma redução, é uma concentração e, na verdade, diz mais. [...] Você precisa de tempo e paciência. Um suspiro pode se tornar um romance”. Mesmo diante do bombardeio constante de imagens e sons característico da contemporaneidade, diversos cineastas reagem a essa lógica por meio de produções que enfatizam a lentidão e a contemplação, como se buscassem recuperar a experiência sensorial de um instante revelado em sua autenticidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cinema que resiste reivindica o tempo dramático necessário para que o espectador possa se envolver com a narrativa e refletir sobre sua própria sensibilidade. Nesse sentido, a análise do surgimento das redes sociais e da circulação de produtos audiovisuais nas plataformas digitais evidencia que esses ambientes não constituem apenas meios tecnológicos, mas também estruturas simbólicas capazes de moldar percepções, subjetividades e formas de experiência social. Ao relacionar as dinâmicas da cultura digital com o referencial crítico do *slow cinema*, esta pesquisa propõe uma leitura que ultrapassa a dimensão estritamente técnica dos meios, situando o debate no campo da cultura, do tempo social e da produção de sentidos. Conclui-se que a cultura digital contemporânea, ao privilegiar velocidade, fragmentação e engajamento constante, tende a favorecer processos de superficialização narrativa e empobrecimento da experiência simbólica. Em contrapartida, estéticas baseadas na desaceleração, na duração e na contemplação não representam apenas alternativas formais no campo audiovisual, mas também possibilidades críticas de reconfiguração da relação entre sujeito, mídia e tempo.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



## REFERÊNCIAS

BAZIN, André. **O que é o cinema?** São Paulo: Cosac Naify, 2014.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 2012.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade.** Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

CAPCUT. **Qual é a duração ideal de um vídeo do TikTok?** CapCut, [s.d.]. Disponível em: <https://www.capcut.com/pt-br/resource/tiktok-video-length>. Acesso em: 12 jan. 2026.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

CAVALCANTE, Livia Teixeira Canuto; OLIVEIRA, Adélia Augusta Souto de. Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 83-102, abr. 2020.

COSTA, Pedro. **Onde jaz o teu sorriso?** [Filme]. Lisboa: Contracampo Produções, 2001.

CRARY, Jonathan. **24/7: capitalismo tardio e os fins do sono.** São Paulo: Ubu Editora, 2016.

DATAREPORTAL. **Essential TikTok stats.** DataReportal, 2025. Disponível em: <https://datareportal.com/essential-tiktok-stats>. Acesso em: 10 jan. 2026.

DAVENPORT, Thomas H.; BECK, John C. **A economia da atenção.** Rio de Janeiro: Campus, 2001.

DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo.** São Paulo: Brasiliense, 2005.

FLANAGAN, Matthew. **Slow cinema: temporality and style in contemporary art and experimental film.** New York: Columbia University, 2012.

FLANAGAN, Matthew. **Towards an aesthetic of slow in contemporary cinema.** Film Studies, n. 13, p. 15-23, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



HAN, Byung-Chul. **A crise da narração**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2024.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital**. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

NAGIB, Lúcia. **World cinema and the ethics of realism**. London: Continuum, 2011.

NAGIB, Lúcia. **The politics of slowness and the traps of modernity**. In: NAGIB,

NIETZSCHE, Friedrich. **Considerações extemporâneas**. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

OLIVEIRA, João. **Antonioni e o cinema da incomunicabilidade**. Lisboa: Edições 70, 2023.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROSA, Hartmut. **Aceleração: a transformação das estruturas temporais na modernidade**. Tradução de Rafael H. Silveira. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

STUMBLES, Tim. **History of YouTube: a timeline**. Office Timeline Blog, 10 fev. 2018.

Atualizado em 30 maio 2024. Disponível em: <https://www.officetimeline.com/blog/youtube-history-timeline>. Acesso em: 5 jan. 2026.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; DE WAAL, Martijn. **The platform society**. Oxford: Oxford University Press, 2018.

VIRILIO, Paul. **A bomba informática**. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.